



*Protestantismo em Revista* é licenciada  
sob uma Licença Creative Commons.

## **Impressões de uma ausência: apontamentos (quase despretensiosos) acerca de um objeto de cultura material religiosa no culto cristão de matriz protestante – o caso do genuflexório**

*Impressions of an absence: notes (almost unpretentious) about an object of religious material culture in Christian worship of Protestant matrix - the case of kneeler*

*Marcelo Lopes\**

### **Resumo**

A proposta deste texto talvez seja mais pretensiosa no título do que no conteúdo propriamente dito. Trata-se de um esforço no sentido de contribuir para a reflexão acerca de um processo que, pensamos, ocorre hodiernamente na práxis cúlrica do gradiente protestante. Referimos-nos à supressão do genuflexório enquanto objeto de cultura material com função litúrgica. Nesse sentido, intentamos primeiramente uma breve apresentação do objeto. Em seguida, analisamos fenomenologicamente sua função cúlrica, e, por fim, procedemos a uma correlação com a Teologia da Prosperidade, problematizando a questão de sua dialética com a cultura hodierna.

### **Palavras-chave**

Genuflexório. Culto Cristão. Teologia da Prosperidade.

### **Abstract**

The purpose of this text may be more pretentious in the title than in the content itself. This is an effort to contribute to the reflection on a process that we believe occur in our times in the cultic practice of Protestant gradient. We refer to the suppression of the kneeler as an object of material culture with liturgical function. In this sense, we firstly present briefly the object. Then we phenomenologically analyze its cultic function, and finally we correlate with the Theology of Prosperity, discussing the question of its dialectics with contemporary culture.

### **Keywords**

Kneeler. Christian Worship. Theology of Prosperity.

---

[Texto recebido junho de 2015 e aceito em julho de 2015, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

\* Teólogo e Doutorando em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrante do Grupo de Pesquisa - NEPROTES (Núcleo de Estudos em Protestantismo e Teologias - UFJF/CNPq). E-mail para contato: montanhista-ms@hotmail.com.

“Deus está presente, todos o adoremos, com respeito nos prostremos!  
Deus está conosco, tudo em nós se cale, Deus a nossas almas fale!”<sup>1</sup>  
Gerhard Tersteegen (1697-1769)

“Deus está no templo! Pai onipotente! A seus pés nos humilhamos.”<sup>2</sup>  
Gerhard Tersteegen (1697-1769)  
João Gomes da Rocha (1861-1947)

## Considerações iniciais

Antes de tudo deixe-me esclarecer o leitor sobre este título que pode parecer meio confuso à primeira vista. Trata-se, de fato, de impressões ou se preferir hipóteses ou leituras possíveis, fruto da percepção de uma ausência que tem passado praticamente despercebida na liturgia da maioria das igrejas cristãs de matriz protestante. A partir da percepção dessa ausência, fiz alguns apontamentos nos quais tentei focar aspectos simbólico-funcionais dessa ausência, apontando para prováveis correlações com a mentalidade cültica e teológica hodierna predominante em boa parte, senão na maioria, das igrejas evangélicas brasileiras.

O termo “quase despretenso” denota que não houve uma preocupação de etnografar ou fazer uma rigorosa pesquisa de campo com quantificações de amostragens, etc. Mas nem por isso significa que não houve um olhar acadêmico ou uma preocupação heurística nos apontamentos que fiz. Tenho observado esse fenômeno já há alguns anos em viagens pelo país, ocasiões que visitei variadas denominações do gradiente evangélico, e, em praticamente todas essas congregações percebi uma ausência, qual seja, a do genuflexório.

Talvez o leitor já tenha desconfiado que eu seja um nativo. Sim, sou cristão protestante há quase trinta anos, e isso fica subjacente também quando digo “quase despretenso” no título desta reflexão. Acredito que a neutralidade ou *epoché*, neste caso específico, não iria necessariamente ajudar muito. Mas o inverso é verdadeiro, uma vez que a pertença religiosa traz consigo a riqueza da dimensão simbólica e funcional desde dentro do universo protestante e seu gradiente. Portanto, penso que essa sinergia do *homo protestantium* (aut *pentecostalis*) com o *homo academicum* pode enriquecer os apontamentos ora postos em tela. Mas não se engane o leitor acerca da pertinência de ambos os *locus* de observação e análise, pois aqui fé e razão não se configuram um maniqueísmo, mas são complementares ou, como bem disse Paul Tillich:

---

<sup>1</sup> Hinos do povo de Deus (Luterano). Disponível em: <<http://hinologia.palavra-e-poder.org/HinosECorinhos/hpd/hpd1124.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

<sup>2</sup> Hinário Novo Cântico (Presbiteriano). Disponível em: <<http://novocantico.com.br/hino/004/004.xml>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

razão é uma condição necessária para a fé, e fé é o ato em que a razão irrompe extaticamente para além de si. Essa é a unidade e a diferença entre as duas. [...] Razão é a pressuposição da fé, e fé preenche a razão. Entre a natureza verdadeira da fé e a natureza verdadeira da razão não há contradição.<sup>3</sup>

### **Pra começo de conversa: genuflexório, o que é isso?**

A propósito das epígrafes citadas no início deste ensaio, somente nestes breves trechos há uma sentença proferida que tem íntima relação com o objeto que este ensaio trata. Na verdade, a estrofe de Gerhard Tersteegen enseja um reconhecimento e uma ação requerida em consequência de tal reconhecimento. Em suma, o autor assevera que se Deus está presente, devemos adorá-lo, mas não de qualquer maneira, isto é, com respeito o adorador deve prostrar-se. Bem, é aqui que entra em cena nosso objeto, aliás, entraria em cena nosso objeto. Decerto há ao menos uma geração de evangélicos que talvez nunca tenha visto um genuflexório. Por isso, parece ser de bom termo que através de uma representação imagética se descortine esse tal objeto ignoto.



**Figura 1.** Banco com genuflexório acoplado.

O genuflexório é (era) um objeto de cultura material<sup>4</sup> religiosa do culto cristão<sup>5</sup>. Não se pode precisar a data exata de sua introdução enquanto objeto com função na

<sup>3</sup> TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. 5ª Edição. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1996, p. 51.

<sup>4</sup> FUNARI, Padro Paulo; CARVALHO, Aline Vieira de. Cultura material e patrimônio científico: discussões atuais. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Márcio F. (Orgs.). *Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, 2009. p. 3-13. Disponível em: <<http://www.mast.br/projetovalorizacao/textos/livro%20cultura%20material%20e%20patrim%C3%B4nio%20de%20C&T/2%20ARTIGO%20Pedro%20Paulo%20Funari.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

Segundo Funari e Carvalho, “a cultura material está sempre presente na vida humana. Nascemos, crescemos e morremos interagindo com as mais diversas materialidades, criadas dentro de diferentes propósitos: são as estruturas, objetos e modificações que compõem os nossos espaços de lazer, trabalho, moradia, entre inúmeras outras possibilidades. A cultura material é tudo aquilo que é produzido ou modificado pelo ser humano, ou seja, tudo aquilo que faz parte do cotidiano da humanidade, independente do tempo eu mesmo do espaço.” FUNARI; CARVALHO, 2009, p. 4.

liturgia. O que se pode afirmar com mais certeza é que esse objeto tornou-se um acessório dos antigos bancos das igrejas cuja função era justamente a de proporcionar que o fiel se prostrasse, isto é, se ajoelhasse sem que enxovalhasse suas vestes. E muito embora a imagem acima retrate o genuflexório como um acessório apenas, ele pode estar desvinculado dos bancos como, por exemplo, no caso da celebração de um casamento na qual os noivos se ajoelham perante o ministro normalmente num genuflexório, como demonstra a ilustração abaixo.



**Figura 2.** Genuflexório.

O vocábulo não consta no texto neotestamentário, mas tem estreita relação com o termo grego *proskuneo* (προσκυνεω) que quer dizer prostrar-se em adoração, no caso de divindade, ou em reverência, respeito em relação a um ser humano de destacada autoridade como os reis, por exemplo. Segundo Strong, o termo *proskuneo* pode ser entendido “no NT, pelo ajoelhar-se ou prostrar-se, prestar homenagem ou reverência a alguém, seja para expressar respeito ou para suplicar. Usado para reverência a pessoas e seres de posição superior”<sup>6</sup>.

Não cabe aqui, nem é de nosso interesse, aprofundar a etimologia do vocábulo, sob pena de digressão pouco produtiva para nosso fito. Interessa-nos muito mais relembrar o leitor que a Bíblia está repleta de passagens nas quais a adoração está representada pelo ato de prostrar-se, ajoelhar-se, enfim, um sentimento de profunda reverência bem como um reconhecimento da alteridade ontológica da divindade que

<sup>5</sup> Talvez seja interessante aqui pontuar que o prostrar-se em adoração já era costume no judaísmo, bem como em muitas outras religiões, e que acabou sendo amalgamada pelo cristianismo nascituro. Nesse sentido, o genuflexório foi uma necessidade em função dessa prática ritual.

<sup>6</sup> STRONG, James. *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002, p. 1226.

levava o *homo religiosus* a prostrar-se na presença do Totalmente Outro. Inclusive, o próprio Jesus teve tal experiência exemplar:

Ele saiu e foi, como de costume, para o monte das Oliveiras, e os discípulos o seguiram. Chegando a este lugar, ele lhes disse: “Rezai para não cairdes em poder da tentação”. E afastou-se deles mais ou menos à distância do arremesso de uma pedra e, *tendo-se posto de joelhos*, rezava dizendo: “Pai, se quiseres afastar de mim esta taça ... No entanto, não se faça a minha vontade, mas a tua!”<sup>7</sup>

No entanto, muito embora o genuflexório tenha também a função de proporcionar uma genuflexão menos incômoda, o que de mais importante podemos depreender de sua presença e funcionalidade cültica é que o cristão adorador deve, como consta nas epígrafes deste ensaio, na presença de Deus, demonstrar, externalizar ritualmente a sua reverência. Ora, é neste sentido, sobretudo, que reside a pertinência deste ensaio.

### **Prostrar-se, ajoelhar-se... por quê? Diante de quem?**

Aproveitando aqui o ensejo, cumpre rubricar uma questão fundamental para que se possa entender o que queremos analisar. Em sua magnífica obra – O Sagrado – Rudolf Otto propôs que o homem perante o Totalmente Outro teria o sentimento de criatura diante do criador. Esse sentimento, no culto cristão poderia (deveria), ao menos, ser identificado naquele momento de contrição no qual o pecador é confrontado com a santidade de Deus.

Então, a partir da consciência de sua situação de pecador perante um Deus santo, de modo natural o cultuante, arrependido, facilmente seria conduzido ao sentimento de contrição, de prostração, arrependimento e perdão. Na literatura veterotestamentária sobejam exemplos de tais experiências. Citamos aqui duas hierofanias fundantes que nos parecem ser suficiente para ilustrar o que queremos dizer. A primeira diz respeito à experiência do patriarca Jacó que, em sonho, encontrou o Totalmente Outro: “Jacó despertou do sono e exclamou: ‘Verdadeiramente, é o Senhor que está aqui e eu não sabia!’ Teve medo e exclamou: ‘Como este lugar é terrível! É a própria casa de Deus, a porta do céu.’”<sup>8</sup>. A segunda ocorreu com o profeta Isaías, se bem que em visão: “No ano da morte do rei Ozias, vi o Senhor sentado sobre um trono alto e excelso. (...) Eu disse então: ‘Ai de mim! Estou perdido, sou um homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de lábios impuros e meus olhos viram o rei, o Senhor de todo o poder.’”<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> BÍBLIA. Português. *BÍBLIA – Tradução Ecumênica*. Tradução: L.J. Baraúna, et al. São Paulo: Loyola, 1994. 2480 p. BÍBLIA TEB, Lucas 22.39-42 (grifo nosso).

<sup>8</sup> BÍBLIA TEB, Gênesis 28.16-17.

<sup>9</sup> BÍBLIA TEB, Isaías 6.1, 5.

Nessas experiências com o sagrado, com o numinoso dois sentimentos nos chamam a atenção, quais sejam, aquele que parece exprimir o aspecto *Fascinans* do nume, que é, como disse Rudolf Otto, “desconcertante, é cativante, arrebatador, encantador, muitas vezes levando ao delírio e ao inebriamento – o elemento dionisíaco entre os efeitos do nume”<sup>10</sup>; e o sentimento aterrorizante da criatura perante a manifestação do *Mysterium Tremendum* aventado por Otto<sup>11</sup>, que o sagrado inflige como sendo um sentimento de assombro, de terror mesmo decorrente do sentimento de criatura perante o Totalmente Outro que se manifesta.

Na literatura neotestamentária, de igual modo, sobejam exemplos de tais experiências. Para mantermos a simetria, ilustraremos com duas passagens também. A primeira faz referência à pesca maravilhosa: “Vendo isto, Simão Pedro caiu aos joelhos de Jesus, dizendo: ‘Senhor afasta-te de mim, pois eu sou um homem culpável.’ É que o pavor o havia tomado, a ele e a todos que estavam com ele, perante a quantidade de peixe que pescaram”<sup>12</sup>. A segunda refere-se à cura de um paralisado efetuada por Jesus: “diz então ao paralisado: ‘Levanta-te, toma tua padiola e vai para casa’. O homem levantou-se, e foi para casa. Vendo isto, as multidões foram tomadas de temor e deram glória a Deus que dá tamanha autoridade aos homens.”<sup>13</sup>

Nota-se nas ilustrações supracitadas que uma das principais consequências da experiência com o numinoso é a adoração que deve dela advir. Jacó em adoração erigiu uma pedra derramou-lhe óleo e chamou àquela localidade Betel, isto é, a Casa de Deus. Isaías, por sua vez, após ter sido purificado de seu pecado, adorou dizendo: eis-me aqui envia-me a mim! Pedro, Tiago e João após a terrificante experiência, deixaram os barcos e tudo mais e, por amor, tornaram-se pescadores de homens. E, por fim, as multidões tomadas de temor glorificavam a Deus.

Ora, é aqui que a pergunta dessa seção se torna ainda mais profícua: Prostrar-se, ajoelhar-se... por quê? Diante de quem? Acima de tudo, a adoração está intrinsecamente ligada ao reconhecimento da dignidade daquele que é adorado, mas não só, pois a consciência do cultuante quanto à sua própria situação perante o Totalmente Outro também é um fator crucial na adoração, tanto mais se tratando de prostrar-se, de ajoelhar-se numa sociedade marcada pelo hedonismo. Sim, com efeito, o hedonismo “é percebido como algo natural e inquestionável que o ser humano deseje eliminar a dor, o incômodo e

---

<sup>10</sup> OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007. p. 68.

<sup>11</sup> OTTO, 2007.

<sup>12</sup> BÍBLIA TEB, Lucas 5.8-9.

<sup>13</sup> BÍBLIA TEB, Mateus 9.6b-8.

o desconforto, não permitindo haver nenhuma forma de manifestação que venha quebrar tal sensação de satisfação e prazer.”<sup>14</sup>.

Aliás, prostrar-se de joelhos em quaisquer situações e em nenhuma hipótese condiz com a atual situação do ser humano, dado o seu estágio de desenvolvimento científico e tecnológico, bem como de sua autonomia em relação às crenças ou credências pré-científicas. Não, definitivamente não há compatibilidade nisso, segundo a cosmovisão dominante no tempo presente. Bem, se é assim, o genuflexório doravante pode ser considerado um objeto de cultura material religiosa extinto e seu achado funcional em qualquer liturgia evangélica, um achado arqueológico de vulto, quase um milagre. Se assim é, emerge o questionamento: como isso ocorreu?

### Supressão, substituição e inversão de sentido

Passaremos agora a problematizar acerca da supressão da função do genuflexório na liturgia evangélica. Já discorreremos um pouco sobre como o sentimento de criatura conduz o cultuante à contrição e, ao menos outrora, ao *proskuneo* (προσκυνεω) no genuflexório. Pois bem, não se pode estabelecer um marco histórico da supressão desse objeto de cultura material religiosa evangélica, bem como da caducidade de sua função cültica. No entanto, podemos, com bastante segurança, afirmar que o esmaecimento do *proskuneo* tem alguma relação com a Teologia da Prosperidade (TP), ou ao menos esta última foi um catalisador de sua obsolência.

A TP tem sua origem nos Estados Unidos e há ampla literatura dissertando sobre o tema<sup>15</sup>. Portanto, não vamos aprofundar aqui sobre a TP. Somente para situar o leitor leigo no assunto, dizemos que também a teologia não escapa à dialética com a cultura na qual está inserida. Por isso, Gedeon Freire de Alencar afirma que

toda teologia tem a cara de seu tempo – mesmo que teólogos se digam inspirados (apenas) por Deus. O teólogo é um leitor de seu tempo. Alguns são bons leitores, outros péssimos. Então, teologia da prosperidade e neoliberalismo é [*sic!*], como diz o provérbio popular, a casa e o botão. São irmãos siameses. Um não existiria sem o outro<sup>16</sup>.

Isto posto, não nos deteremos no aspecto político-econômico da TP, antes, nos interessa muito mais suas nuances teológicas, bem como as idiosincrasias decorrentes de

<sup>14</sup> DELAGE, Paulo Audebert. O Cristão e os desafios da pós-modernidade. São Paulo: Longarina, 2014. p. 70.

<sup>15</sup> Autores como Paul Freston (1994), Oneide Bobsin (1995), Leonildo Silveira Campos (1997), Ricardo Mariano (1999, 2003), Antonio Gouvêa Mendonça (2008), desde longa data já pesquisaram a TP, conforme listado, ao final, na bibliografia deste ensaio.

<sup>16</sup> ALENCAR, Gedeon Freire de. “A teologia da prosperidade e o neoliberalismo são irmãos siameses”. INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, maio 2010. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/32457-a-teologia-da-prosperidade-e-o-neoliberalismo-sao-irmaos-siameses-entrevista-especial-com-gedeon-freire-de-alencar>>. Acesso em: 21 jan. 2015. p. 2.

sua penetração no gradiente protestante. É preciso ressaltar que com a TP, há uma inversão de posição do cultuante na liturgia. Afirmamos isso pois

essa corrente teológica, grosso modo, defende a crença de que o cristão, além de liberto do pecado original pelo sacrifício vicário de Cristo, adquiriu o direito, já nesta vida e neste mundo, à saúde física perfeita, à prosperidade material e a uma vida abundante, livre do sofrimento e das artimanhas do diabo. Segundo esses pregadores, o fato é que Deus não só prometeu como, no plano espiritual, já concedeu tais bênçãos a todos os portadores da fé sobrenatural. Agora cabe ao cristão tomar posse delas<sup>17</sup>.

Inversão é a palavra-chave para a compreensão do fenômeno para o qual chamamos a atenção do leitor. Se outrora o cultuante era tomado por um sentimento de criatura perante o Totalmente Outro, e, em tremor e temor se prostrava reverentemente, agora o cultuante se coloca (de pé, ou como assentado num trono) na posição de herdeiro de um Pai vivo (na verdade imortal). E mais ainda, se põe na posição de um credor que cobra uma promissória deveras genérica de seu criador. Para Ricardo Mariano,

trata-se, pois, de exigir e determinar que Deus, em nome de Jesus Cristo, cumpra o que prometeu a seu fiel rebanho: triunfo sobre o diabo, saúde, prosperidade material, vida abundante, vitoriosa e feliz. Quem deseja tomar posse dessas heranças divinas, deve começar “hoje, agora mesmo, a cobrar tudo aquilo que ele tem prometido”<sup>18</sup>

Ademais, dentro da lógica do *Do ut des*, numa tradução livre, toma lá, da cá, através da entrega de ofertas, dízimos e desafios de fé (monetária), o cultuante “tem o poder de coagir Deus, para que as promessas sejam realizadas. A eficácia simbólica redundando em bênçãos materiais.”<sup>19</sup> Tal é a lógica da TP.

Para além das críticas acerca da pertinência da TP, ou se de fato pode-se chamá-la de teologia, queremos sublinhar as implicações da TP. Uma delas é justamente essa inversão de posição do fiel e da relação cúltica com Deus. A tipificação dessa mentalidade crassa na terceira onda do pentecostalismo brasileiro, mais conhecida como neopentecostalismo<sup>20</sup>. Segundo o bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de

---

<sup>17</sup> MARIANO, Ricardo. O reino de prosperidade da Igreja Universal. In: ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; Dozon, Jean-Pierre. (Orgs.). Igreja Universal do Reino de Deus: *Os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 237-258. p. 242.

<sup>18</sup> MARIANO, 2003, p. 243.

<sup>19</sup> BOBSIN, Oneide. Teologia da Prosperidade ou estratégia de sobrevivência: estudo exploratório. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 35, n. 1, p. 21-38, 1995. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/839/768](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/839/768)>. Acesso em: 15 jan. 2015. p. 25.

<sup>20</sup> Parece-nos importante aqui sublinhar que adotamos neste trabalho o termo neopentecostal para designar as igrejas de matriz pentecostal surgidas na década de 1970, cujas ênfases teológicas que as diferem significativamente daquelas da primeira e segunda onda do pentecostalismo brasileiro são: a guerra espiritual, a teologia da prosperidade e o arrefecimento do ascetismo. Todavia, não adotamos tal termo acriticamente. Sabemos de suas debilidades enquanto tentativa de uma tipologização do gradiente

Deus (IURD), maior ícone do neopentecostalismo atual, “urge granjear ‘a posição de sócio de Deus’, sendo fiel nos dízimos e nas ofertas”<sup>21</sup>.

Assim, é bastante sintomático que, segundo a TP, há uma posição de paridade, de quase igualdade entre o cultuante e a divindade, a ponto de formarem uma relação societária (com fins lucrativos, inclusive). A despeito disso, outros aspectos cúlticos também vão se transformando. Assim, por exemplo,

a oração se tornou o espaço de uma difícil negociação entre o homem e Deus. A divindade é praticamente colocada contra a parede pelo adorador. A monetarização do sacrifício substituiu o sacrifício católico pela figura do dízimo – o mais alto sacrifício que pode alguém fazer numa economia monetarizada. A "teologia da prosperidade", mola mestra desse novo tipo de pentecostalismo, fez desaparecer as preocupações escatológicas com o fim do mundo, segunda vinda e destino da alma<sup>22</sup>.

Ora, é bem compreensível que nessa relação de paridade aparente do cultuante com a divindade, não há nenhuma necessidade de prostrar-se perante ela. Nesse contexto, com efeito, o genuflexório torna-se obsoleto e entra em irremediável caducidade. Outra implicação prática, aliás, pragmática é que, sem espaço (função) para o genuflexório, e em consonância com a cultura hedonista, emergiu a exigência do conforto para “os herdeiros de Deus”. Daí a preocupação com a adaptação do espaço litúrgico. Logo, não é sem motivo que as igrejas

hoje adotam a figura do auditório, de um "supermercado", dos megatemplos, onde produtos religiosos ou seus ingredientes são oferecidos para que cada um se sirva como quiser, uma espécie de self-service religioso. Esse pentecostalismo padronizou o ritual, centralizou o poder eclesiástico, fez dos pastores autoridades indiscutíveis, eliminou formas de governo de estilo representativo ou congregacional, colocando-se tudo nas mãos de uma liderança carismática (no sentido weberiano da palavra). Liturgicamente fez-se do serviço religioso uma fonte de alegria, descompressão psicológica, lugar da música e da dança, um tempo

---

pentecostal, e, a par disso, remetemos o leitor a dois textos que abordam as debilidades do termo neopentecostal. Em primeiro lugar, o artigo do professor Dr. Paulo Donizéti Siepierski: *Pós-pentecostalismo e política no Brasil*; e, em segundo lugar, o artigo do professor Dr. Gerson Leite de Moraes: *Neopentecostalismo – um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso brasileiro*. Em ambos os textos os autores criticam de forma contundente e pertinente as debilidades ensejadas pelo termo neopentecostal. Mas não se trata de crítica somente, Siepierski propõe o termo pós-pentecostalismo em substituição ao neopentecostalismo. Já Moraes, propõe o termo transpentecostalismo em substituição ao mesmo termo. Entendemos que o pentecostalismo é um fenômeno religioso bastante complexo, e, por isso mesmo, qualquer tipologização apresentará vantagens e desvantagens. Portanto, utilizaremos o termo neopentecostalismo para designar as igrejas da terceira onda sem que haja prejuízo na compreensão do fenômeno que queremos indicar com tal termo.

<sup>21</sup> MACEDO apud MARIANO, 2003, p. 249.

<sup>22</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. Pentecostalismo e Protestantismo Histórico no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p. 504-533, jul./set. 2011, p. 521. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2011v9n22p504/2909>>. Acesso em: 20 maio 2012. p. 521.

destinado a recarregar a consciência de otimismo, esperanças e utopias, deixando-se para fora do templo as misérias do mundo.<sup>23</sup>

Outrora local de encontro com o Totalmente Outro, cujos efeitos do nune, respectivamente, *Mysterium Tremendum et Fascinorum*, levavam o cultuante à contrição e o *proskuneo*, agora

o *templo*, lugar sacralizado onde o ritual se desenvolve, é o “lugar da bênção”, o “endereço da felicidade”, o espaço em que se energizam fotografias de enfermos, roupas dos ausentes e sabonete para ser usado em banhos “purificadores” (contra os maus espíritos). Desse lugar irradia um “poder vibratório”. Um pastor da IURD afirmou na TV, que em seu templo até as “poltronas estão energizadas”, assim como a “pedra do Sinai” e o “manto sagrado” consagrado num dos túmulos do Cristo.<sup>24</sup>

Por tudo isso, afirmamos que a supressão do genuflexório tem íntima relação com a TP. Todavia, não é, de forma alguma, uma relação de causa e efeito. Esta solução é demasiado fácil e superficial, além de reduzir à uma simplicidade pueril um fenômeno religioso de abissal complexidade como o (neo)pentecostalismo. Antes, pensamos que há uma relação simbiótica nisso tudo. Não foi a extinção do genuflexório que deu ensejo à propalação da TP. Tampouco, não foi a TP que exigiu a extirpação do genuflexório. Mas por outro lado, também é preciso concordar com Alencar em sua afirmação de que “a teologia tem a cara de seu tempo”<sup>25</sup>.

Todavia, não pensamos que a fossilização da teologia, isto é, a leitura engessada (às vezes engendrada) das Confissões de Fé e da própria Bíblia seja salutar para o gradiente protestante. Todavia, há que ter bastante cautela, pois a TP, por exemplo, também é uma releitura teológica, a nosso ver, bastante engendrada, por sinal. Portanto, a atualização da prática teológica é sempre bem vinda, sobretudo quando feita a partir da máxima “*Ecclesia reformata et semper reformanda est*”<sup>26</sup>. Tanto mais em se respeitando o Princípio Protestante. Aqui evoco Tillich, este teólogo afirmou que

o protestantismo tem um princípio situado além de suas realizações. É a força crítica e dinâmica presente em todos os feitos protestantes, sem se identificar com nenhum deles. Não se encerra numa definição. (...) Esse nome, “princípio protestante”, vem do protesto dos “protestantes” contra as decisões da maioria católica. Contém o protesto divino e humano contra qualquer reivindicação absoluta feita por realidades relativas, incluindo mesmo qualquer igreja protestante. O princípio protestante é o juiz de

<sup>23</sup> CAMPOS, 2011, p. 521.

<sup>24</sup> CAMPOS, 2011, p. 522.

<sup>25</sup> ALENCAR, 2010, p. 2.

<sup>26</sup> Este slogan da Reforma Protestante é de autoria de do reformado holandês Gisbertus Voetius (1589-1676). Foi propagada por ocasião do Sínodo de Dort, e pode ser traduzido como “A igreja reformada está sempre se reformando”. Pensamos, portanto, que tal frase possui íntima relação com o Princípio Protestante.

qualquer realidade religiosa e cultural, incluindo a religião e a cultura que se chamem “protestantes”<sup>27</sup>.

Assim, diante dessa portentosa proposta tillichiana parece-nos fundamental lembrar que o Princípio Protestante

guarda-nos contra as tentativas do finito e do condicional de usurpar o lugar do incondicional no pensamento e na ação. É o julgamento profético contra o orgulho religioso, a arrogância eclesiástica, e a auto-suficiência secularizada com suas conseqüências destruidoras<sup>28</sup>.

Encerro aqui com Tillich e com a própria Bíblia. Não seria a paridade entre o homem e a divindade proposta pela TP uma tentativa do finito e condicional usurpar o lugar do incondicional, isto é, de Deus? Por fim, no livro que leva seu nome, Jó afirma sobre Deus: “Ele não é humano como eu, para eu replicar e juntos comparecermos em justiça.”<sup>29</sup> Com base nestas ilações, cumpre questionar: estaria de fato o genuflexório obsoleto? Ainda há espaço para o *proskuneo* no culto cristão de matriz protestante? Bem, já isto é assunto para outros ensaios...

### Considerações finais

À modo de conclusão, parece-nos interessante ratificar o que já explicitamos inicialmente. Ou seja, nossa proposta neste ensaio foi a de fazer alguns apontamentos sobre o genuflexório enquanto objeto de cultura material religiosa que atualmente cai em desuso no culto cristão de matriz protestante.

Explicitamos também que nosso lócus é duplo, isto é, desde dentro no universo protestante, mas com foco também acadêmico. Nesse sentido, nossos apontamentos ora tiveram um tom mais reflexivo-acadêmico; ora teológico-crítico, talvez beirando à apologética. Assim, pode ser que o leitor tenha tido a impressão de certa nostalgia, em nosso texto, quanto ao genuflexório estar praticamente ausente na maior parte das igrejas evangélicas.

Pode até mesmo parecer um acerto de contas com a TP, com uma roupagem acadêmica. Só que não! Para além disso tudo, o que intentamos aqui foi abordar e problematizar um assunto oportuno e muito pouco aventado, se é que já foi aventado no gradiente protestante. Portanto, se conseguimos ao menos instigar o leitor sobre o assunto ora em tela: Ótimo! Alcançamos um objetivo deveras importante, sobretudo para a

---

<sup>27</sup> TILLICH, Paul. O princípio protestante e a situação do proletariado. In: \_\_\_\_\_. *A era protestante*. São Paulo: ASTE, 1992. p. 181-199. p. 183.

<sup>28</sup> TILLICH, 1992, p. 183.

<sup>29</sup> BÍBLIA TEB, Jó 9.32.

reflexão endógena do universo evangélico. Ou não está escrito: “a fim de que ao nome de Jesus *todo joelho se dobre*, nos céus, na terra e debaixo da terra”<sup>30</sup>?

## Referências

ALENCAR, Gedeon Freire de. “A teologia da prosperidade e o neoliberalismo são irmãos siameses”. *INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS*. disponível em:

<<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/32457-a-teologia-da-prosperidade-e-o-neoliberalismo-sao-irmaos-siameses-entrevista-especial-com-gedeon-freire-de-alencar>>.

Acesso em: 21 jan. 2015.

BÍBLIA. Português. *BÍBLIA – Tradução Ecumênica*. Tradução: L.J. Baraúna, et al. São Paulo: Loyola, 1994. 2480 p.

BOBSIN, Oneide. Teologia da Prosperidade ou estratégia de sobrevivência: estudo exploratório. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 35, n. 1, p. 21-38, 1995. Disponível em:

<[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/839/768](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/839/768)>.

Acesso em: 15 jan. 2015.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Pentecostalismo e Protestantismo Histórico no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p. 504-533, jul./set. 2011. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2011v9n22p504/2909>>. Acesso em: 20 maio 2012.

\_\_\_\_\_. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis/São Paulo/São Bernardo do Campo: Vozes/Simpósio/UMESP, 1997. 504 p.

DELAGE, Paulo Audebert. *O Cristão e os desafios da pós-modernidade*. São Paulo: Longarina, 2014.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro, In: Alberto ANTONIAZZI, et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 72-159.

FUNARI, Padro Paulo; CARVALHO, Aline Vieira de. Cultura material e patrimônio científico: discussões atuais. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Márcio F. (Orgs.). *Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, 2009. p. 3-13. Disponível em:

<<http://www.mast.br/projetovalorizacao/textos/livro%20cultura%20material%20e%20patrim%C3%B4nio%20de%20C&T/2%20ARTIGO%20Pedro%20Paulo%20Funari.pdf>>.

Acesso em: 15 jan. 2015.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999. 246 p.

---

<sup>30</sup> BÍBLIA TEB, Filipenses 2.10 (grifo nosso).

\_\_\_\_\_. O reino de prosperidade da Igreja Universal. In: ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; Dozon, Jean-Pierre. (Orgs.). *Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 237-258.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2008. 223 p.

MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo – um conceito obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. *REVER – Revista de Estudos de Religião*, São Paulo, ano 10, n. 2, p. 1-19, jun. 2010. Disponível em: [www.pusp.br/rever/rv2\\_2010/t\\_moraes.pdf](http://www.pusp.br/rever/rv2_2010/t_moraes.pdf). Acesso em: 15 jan. 2014.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007. 224 p.

SIEPIERSKI, Paulo Donizéti. Pós-pentecostalismo e política no Brasil. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 37, n. 1, p. 47-61, 1997. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/776//711](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/776//711)>. Acesso em: 15 jan. 2014.

STRONG, James. *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. 5ª Edição. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1996.

\_\_\_\_\_. O princípio protestante e a situação do proletariado. In: \_\_\_\_\_. *A era protestante*. São Paulo: ASTE, 1992. p. 181-199.